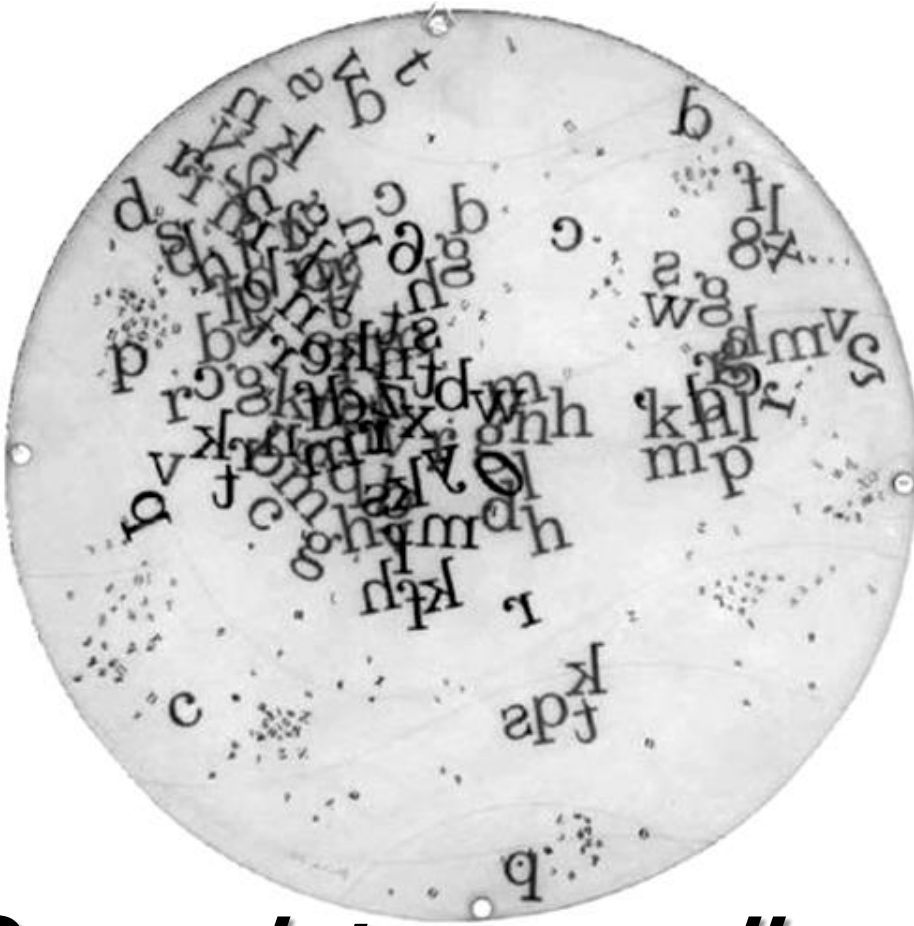


reflexões sobre
ARTE visual

v. 2 n. 8 abril 2021



Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

O que isto quer dizer?

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.2 n.8 abril 2021

Periodicidade: quinzenal

Capa: Sem Título (Disco), 1972, Mira Schendel.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

O que isto quer dizer?

Talvez seja esta a pergunta que mais tem sido feita na Arte Visual desde o surgimento do Modernismo.

Contemporaneamente isto não mudou.

Há um estranhamento, uma espécie de incredulidade, espanto e incompreensão que, traduz, ao mesmo tempo, a precariedade da formação e informação sobre Arte. Não compreender as manifestações artísticas é um atestado de deficiência educacional e cultural. Ao mesmo tempo parece, implicitamente, que os artistas têm a obrigação de elaborar obras “legíveis”.

Neste sentido, é de se supor que, ao contrário de manifestações “legíveis”, os artistas decidiram fazer coisas que ninguém entende. A partir de algum momento a Arte se tornou um “universo paralelo” onde só os iniciados e um grupo reduzido de intelectuais: teóricos, especialistas, ou seja, uma elite, fosse capaz de entender. Tal concepção reside, em parte, no fato de que muitas das obras realizadas no passado eram figurais, narrativas e explícitas, logo, para compreendê-las, bastava vê-las para entendê-las.

Eram explícitas no que diz respeito às imagens. Bastava olhar para entender o que estava diante dos olhos, mas é aí que reside o engano: a ilusão de que ao entender a imagem já se entendia, por pressuposição tudo o que ela mostrava, simbolizava, representava ou projetava, não é uma verdade absoluta já que nem todas as pessoas tinham o domínio sobre o repertório histórico, mítico ou cultural do que elas representavam, portanto, também não as compreendiam ou entendiam sem se dar conta disto. Talvez se encantassem pela riqueza e simbologia que revelavam e davam-se por satisfeitas.

Basta voltar um pouco para o passado e observar algumas Obras de Arte que são, “supostamente”, fáceis de entender, quer pela descrição do que revelam ou pelo contexto em que foram elaboradas para comprovar isto, contudo, nem todos dominam tais descrições ou contextos para, de fato, entender o que significaram ou o que propunham já que muitas delas eram amparadas em relações pregressas com a mitologia, a história e religião, logo a maioria se encanta pela aparência ou pelas habilidades técnicas, mas não pela essência ou proposta dada.

O Ato Descritivo como explicação implícita.

Descrever é relatar algo através de recurso verbal, escrito ou visual.

Pode-se dizer que, *a priori*, que uma imagem pode descrever e até relatar algo.

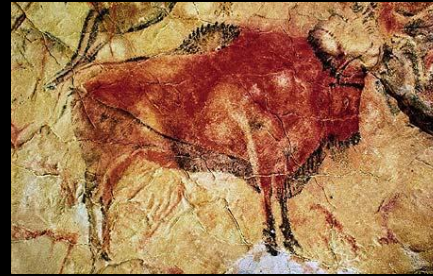
Tal descrição é mais eficiente na medida em que a imagem se assemelha ao máximo da aparência ou origem daquilo que descreve, do mesmo modo que um bom contador de história é capaz de envolver os ouvintes por meio das artimanhas e artifícios verbais, vocálicos e gestuais no ato da descrição ou narrativa do que conta.

O fundador da história ocidental, Herodoto desenvolveu, por meio de suas pesquisas a narrativa do percurso das guerras e conquistas das cidades-estado gregas, foi reconhecido como um dos primeiros escritores a relatar o caminho cultural e geográfico de uma nação que se tornaria a Grécia.

Descrever, narrar, é um meio de consolidar, consagrar, constituir a memória, dos fatos, os acontecimentos ou simplesmente, manifestar-se diante de algo que poderá ser, depois quem sabe, interpretado por outrem. Isto constitui a História.



A reprodução acima de bisões pintados na gruta de Altamira na Espanha, revela um conjunto de animais dispostos no teto da caverna. Numa primeira visada, basta entender que são bisões pintados e isto talvez baste à maioria das pessoas.



Observando com mais vagar percebe-se que há diferenças substanciais entre os bisões representados: alguns de pé e outros encolhidos, quase em posição fetal. O que isto pode significar?

Numa primeira interpretação pode ser que aqueles representados em pé estejam vivos, e os encolhidos, mortos. À priori é uma dedução simples, mas pode ser suficiente para entendimento das imagens.

Como não se tem qualquer informação sobre como as coisas ocorriam na pré-história, surgem várias hipóteses com a intenção de explicar tais aspectos, variações e distinções.

Uma das mais aceitas é de que tais imagens faziam parte de ritos propiciatórios com a intenção de facilitar as caçadas. As imagens dos bisões mortos seriam projeções para o sucesso na empreitada, nada incomum para quem dependia deles para sobreviver.

Bem, mas a partir de uma simples descrição é possível criar uma história...



Na gruta de Lascaux, na França, é encontrada esta imagem: um homem morto ao lado de sua lança e de um bisão também morto. Pode-se deduzir que se refere a um evento infeliz: uma caçada em que nem tudo deu certo, caça e caçador pereceram, talvez seja esta a primeira narrativa histórica.

Tais descrições são comuns nas primeiras manifestações humanas, desde a pré-história e talvez por isto é que se espere da Arte Visual uma descrição, uma demonstração legível e inteligível sobre o que representa ou do que se trata. Isto continua a acontecer na Antiguidade de um modo mais claro e dirigido com a intenção de explicitar o poder e as consequências que decorrem de seu desrespeito. Várias civilizações da Antiguidade usaram a Arte Visual para falar de si, de suas conquistas e fazer ameaças. As manifestações consideradas artísticas daquele período são, em geral, descritivas.



A Paleta de Narmer, rei unificador do Egito, produzida por volta de 3.000 a.C. pode representar a vitória de Narmer contra seus inimigos: a imagem da esquerda mostra o rei prestes a abater um inimigo e na direita alguns deles decapitados e estendidos no chão.

Cenas de batalha são comuns nos palácios e templos mostrando o poder dos reis em subjugar seus semelhantes enaltecendo suas vitórias. Semelhantes por considerar que nem sempre os subjugados são “inimigos” no sentido bélico, mas outros grupos humanos que, por estarem próximos de povos mais poderosos, eram facilmente dominados por eles e, ao resistir às invasões são combatidos sendo, portanto eliminados ou convertidos em escravos. Estas são as cenas mostrado muitas e muitas vezes nas representações naqueles períodos desde a História Antiga.



Cena de combate (acima) na Coluna de Trajano, foi erigida para comemorar a vitória do imperador sobre os Dácios (101-106). Abaixo a deusa da vitória escrevendo o nome do imperador no escudo consagrando-o vencedor. Mitos construídos pelo poder.



A reconstrução do Frontão Oeste do Partenon representa uma batalha entre seus deuses mitológicos narrando a disputa entre Atena e Poseidon por Atenas e Ática e a vitória da deusa. As duas divindades disputavam a soberania da região que decidiram oferecer os presentes mais bonitos para vencer a disputa: com seu tridente o deus dos mares fez surgir uma fonte de água salgada na acrópole. A deusa com uma ponta de lança fez aparecer a primeira oliveira. A vitória coube a Atenas e sua oliveira. Esta história é contada pela primeira vez por Heródoto. Bem, tanto aqui quanto na narrativa da coluna de Trajano, há que se conhecer os eventos que determinaram a construção de tais imagens. Uma olhada superficial diz apenas que ambos tratam de uma contenda, sem qualquer outro sentido, a iconografia é quem estuda isto.

É possível perceber então que nem só de imagens a Arte vive. É necessário conhecer o contexto cultural no qual ela foi criada, ou seja, não é possível deduzir tudo apenas a partir das imagens pois elas se referem não só as figuras que mostram na cena, mas a própria cena pode ser a representação visual de um evento histórico, mitológico, de um acontecimento, de um ambiente, de algo que não é passível de ser apreendido apenas por conta das imagens, mas dependente de outras relações e referências, nem sempre contidas nas imagens, mas fora delas.

O que chamei de *Ato Descritivo* é o potencial de informação que as imagens possuem em si mesmas. Como digo: *uma imagem é uma configuração visual geradora de sentido*, contudo, nem todos os sentidos estão necessariamente restritos às imagens. Imagens também se relacionam com a cultura, sociedade, história, portanto, muitas vezes são coadjuvantes de um dado contexto e não sua versão final. Durante muito tempo a simbiose entre imagem e texto ou narrativa foi suficiente para significar e justificar os Temas usados.



As três imagens acima se referem ao mesmo acontecimento, portanto, a um mesmo tema: O Rapto das Sabinas. A imagem da esquerda é uma escultura de Giambologna, de 1574-82, a central é de Nicolas Poussin, de 1737-38 e da direita é de Niccolò Bambini, também do século XVIII. Todas elas mostram mulheres sendo agarradas por homens. Esta seria a primeira impressão ou a impressão definitiva que alguém teria diante destas obras. Mas se quem olhasse conhecesse um pouco da história das conquistas romanas poderia entender que é uma representação do relato feito por Plutarco e também Lívio, escritores romanos, referindo-se aos primeiros romanos que roubaram as mulheres de seus vizinhos, os Sabinos, para constituírem sua população, um tema mitológico representado várias vezes na história da Arte. Para entender estas obras era necessário entender também a História e suas mitologias e não só olhar para as imagens.

A Arte Visual dialoga com a cultura, a sociedade e com o seu meio de diversas maneiras, talvez seja justamente isto que crie dificuldades de entendimento e não uma estratégia hermética de conteúdos e sentidos. Quando se trata de manifestações da Arte Visual que narram ou reproduzem efemérides ou fatos históricos ou locais é fácil entender pois as imagens ilustram ocorrências já conhecidas, mas quando não se referem a algo conhecido, por exemplo, às suas próprias configurações ou condicionantes plásticas e visuais nem sempre são entendidas, embora as qualidades matéricas e substâncias de expressão plásticas também tenham sentido.

As “Qualidades Plásticas” das imagens significam sua própria materialidade. Substâncias plásticas, matéricas e visuais definem Formas, estruturas, texturas, linhas, orientações, dinâmica espacial e cinética, densidade, tensão, distensão e tantas outras possibilidades e potenciais de significação formal e estrutural que são tão eficientes quanto a descrição ou copia de algo presente no mundo natural. Desde o Impressionismo, o Expressionismo, Futurismo, Cubismo, Dadaísmo e outros ismos constatou-se que a significação não está só na representação mas também nos processos e proposições.

A meu ver há um anacronismo estético que limita, em parte, o entendimento das manifestações artísticas que surgiram com o Modernismo e depois dele. A inovação, a experimentação, a invenção, a liberdade e autonomia estética, propositiva e conceitual se tornaram a tônica dos movimentos Modernistas, no entanto, boa parte dos apreciadores ainda não se desligaram da tradição acadêmica e ainda esperam da Arte Visual uma proposta clara e inequívoca de que aquilo que mostra corresponde a algo explícito e revelado apenas e só pelas imagens que representam a visualidade cotidiana.

Boa parte das poéticas contemporâneas não são necessariamente descritivas ou narrativas, muitas delas são propositivas, ou seja, são construções orientadas para estabelecer uma interação com o apreciador/leitor de tal modo que boa parte de sua significação é dialógica, não é dada à priori. A apreciação passiva e confortável que se obtinha a partir de muitas manifestações do passado não é mais possível. O que se busca é uma interação ativa e proativa com e/ou a partir da Obra de Arte. A configuração visual é autossuficiente em significação. Mas nem todos entendem assim.

A conduta propositiva.

Acredito que já tenha mostrado que a Arte Visual passou por transformações estéticas e conceituais suficientes para chegar onde chegou e que, por isto, não se obriga, nem um pouco, a explicitar ou a demonstrar por meio do imaginário que constrói, sentidos “líquidos e certos” ...

Para entendê-la há que se dispender algum esforço tanto em relação aos temas, assuntos, propostas e *Proposições* que realiza para apropriar-se dos sentidos que instaura. Portanto uma imagem não implica em tradução literal e imediata.

Se para entender a Arte da tradição clássica era necessário conhecer a história e as mitologias e religião para obter o sentido e significação das obras realizadas, para a Arte Contemporânea é necessário conhecer as proposições instauradas a partir das manifestações artísticas atuais de tal modo que seja possível acessar seus sentidos e significações. O que não se pode é esperar que tudo seja dado e explicitado pelas imagens sem troca ou interação de conhecimento. Os modos de construir as imagens é tão significativo quanto os temas e assuntos anteriores.

Um dos grandes problemas da atualidade é que a educação deixou de lado o conhecimento cultural. Pouco se sabe da história pregressa de seu país, de seu lugar, de seu tempo. Pouco se sabe da filosofia, da cultura ou da sociedade. Embora haja muita informação disponível há pouca capacidade de transformar tais informações em conhecimentos e usá-los ou aplicá-los onde são requeridos, em especial, no campo das chamadas Humanidades. Falar de Arte é quase um dialeto à parte. As demandas econômicas privilegiam os fazeres rentáveis e “produtivos” e obliteram os fazeres intelectuais e intuitivos.

Neste sentido a Arte, como parte do campo entendido como o das “amenidades”, do entretenimento ou espetáculo é apenas algo supérfluo e considerado desnecessário. No contexto da Arte Visual, só parece necessária quando se transforma em ativos capazes de serem convertidos em valores financeiros, em investimento mercadológico ou em produtos da Indústria cultural. Além da educação para a Arte e para a Cultura, há deficiências na informação geral. Não se privilegia nada que não vise resultados econômicos, mesmo assim, isto não basta.



Nesta linha Propositiva, Ai Weiwei, artista contemporâneo, mostra em sua obra “A lei da Jornada” a configuração de um bote salva-vidas inflável repleto de bonecos também infláveis que remetem à semelhança dos que singram pelos mares dos refugiados vítimas da injustiça social e das guerras.



Há bonecos padronizados que representam adultos e crianças e abarrotam o espaço do bote numa aglomeração intensa. Pode-se deduzir que tal obra fala de sobreviventes de um naufrágio. De pessoas recolhidas e salvas. Esta seria a proposta de Weiwei?

Bem, aqui entra outra questão: deduzir é suficiente para entender o que o artista propôs?

Pode-se dizer que quando não se tem qualquer dado ou informação é possível trabalhar com hipóteses e tentar descobrir ou deduzir o que foi proposto, como se fez com as manifestações da pré-história, mas neste caso não, pelo simples fato de que o artista está vivo e esta obra faz parte de suas proposições conceituais amparadas no seu ativismo político, portanto não é só a aparência que importa.

Law of the Journey. Ai Weiwei viveu, durante algum tempo, entre refugiados nas ilhas gregas, nas áreas da fronteira turco-síria e EUA-México, coletando material e histórias, filmando e fotografando. *A Lei da Viagem (ou da jornada)* foi incorporado a uma série de eventos que desenvolveu relacionados à crise dos refugiados europeus. Foram apresentados em Viena, Berlim e Florença. Em cada ocasião, foram acrescentados de novos objetos e ações em torno do mesmo tema. As palavras que usou para abrir esta exposição na Galeria Nacional da República Tcheca:

“Se virmos alguém que foi vitimado pela guerra ou tentar desesperadamente encontrar um lugar de paz, se não aceitarmos essas pessoas, o verdadeiro desafio e a verdadeira crise não é de todas as pessoas que sentem a dor, mas sim da pessoas que ignoram para reconhecê-lo ou fingem que ele não existe. Isso é uma tragédia e um crime. Não há crise de refugiados, mas apenas crise humana. Ao lidar como refugiados, perdemos nossos valores básicos.”

Como se vê, para entender algumas manifestações contemporâneas também há que se buscar referências fora da Obra de Arte. Portanto o conhecimento da Arte ou sobre a Arte se faz na somatória de tudo o que a Arte é, seja sua construção, constituição e o que a motiva ou inspira. A Arte é diversa e isto oferece várias possibilidades, algumas mais acessíveis e outras menos acessíveis. O que não se pode ignorar é que para entender, para conhecer Arte deve-se estudar Arte em seu contexto próximo ou passado.

Não digo estudar Arte no sentido de fazer um curso *de* ou *sobre* Arte simplesmente para poder apreciá-la, mas buscar dados e informações sobre ela por meio dos livros, das críticas, dos catálogos das mídias de informação e de todos os modos possíveis já que o sistema educacional disponível não fornece condições suficientes para que as pessoas sejam capazes de observar, apreender e entender o que veem, seja ou não no campo da Arte ou na sociedade como um todo, cada vez mais sabe-se menos de tudo.

Faço da Arte meu espaço de lamentações por ser meu campo de atuação, mas acredito que vários outros campos profissionais vivam a mesma crise: a da desinformação, com isto a ignorância se amplia dia a dia. Lutar pelo conhecimento da história, da filosofia, da língua, da cultura em geral é também um propósito civil e de direitos coletivos e individuais do mesmo modo que é necessário lutar pelo respeito mútuo, pelas diferenças, pela diversidade, sem o que se corre o risco de voltar à barbárie.

Tomei como exemplo Ai Weiwei justamente por ser um artista que lida com questões semelhantes a estas que expus agora. Weiwei é chinês e sofreu as vicissitudes de viver num regime restritivo, tendo sido preso, outras vezes impedido de sair de casa e mesmo do país pelo regime, portanto, é alguém que sente na própria pele a repressão, a exclusão e luta pela liberdade.





E por falar em Liberdade, outra obra emblemática é “A Liberdade guiando o povo” de Eugène Delacroix, de 1830. Uma alegoria simbólica elaborada em homenagem à Revolução de 1830 na França que culminou com a abdicação de Carlos X.

A Revolução Francesa, ocorrida entre os anos 1789-99, derrubou a monarquia absolutista e instaurou a república. A revolução de 1830 é a retomada do poder republicano após o período de caos econômico e social que a França vivia desde a Revolução Francesa e a sucessão de governos e crises internas e externas. A obra de Delacroix revela uma espécie de alívio político na crença de que a Liberdade, simbolizada pela imagem feminina, finalmente triunfara sobre a miséria e a guerra.

Toda alegoria tende a ser uma narrativa figurada e simbólica, mítica e até utópica que pode ser amparada por convicções, anseios, ambições ou esperança.

As alegorias inundam as civilizações desde sempre e foram temas recorrentes e preferenciais da Arte clássica tradicional.

Uma das figuras alegóricas é Nike, a deusa grega da vitória que ocupava a proa dos navios guerreiros e abria os mares para as conquistas gregas como a Vitória de Samotrácia no Louvre:



A ideia de *conduta propositiva* com a qual iniciei esta parte da reflexão diz respeito à possibilidade de instaurar algo que possa ser desdobrado em novos pensamentos e proposições, ou seja, quando uma manifestação artística é instaurada, manifesta ou dada a ver constrói uma relação de interação entre o propositor, a obra e o apreciador. Esta cadeia de relações deve ou pode estabelecer um conjunto de relações capazes de gerar novos dados, informações e compreensões.

Tal cadeia tem por objetivo expandir a obra original e ampliar seu alcance seja como obra ou conhecimento possibilitando a outras pessoas, além de quem as cria, a possibilidade de recriar, rever e ressignificar o que foi dado. Acredito que esta é a dinâmica da Criação Artística. Mas se, pela falta de informações, envolvimento ou simples ignorância esta cadeia não se forma, há uma contração do sistema e ele se torna inócuo. Não havendo compartilhamento de ideias e valores tudo é inútil.

Parece que aqui reside a questão inicial deste texto: *O que isto quer dizer?*

Se alguém tomar um folheto qualquer, por exemplo, será incapaz de lê-lo se não conhecer o código verbal escrito da língua ou idioma na qual foi produzido. Portanto, por mais que vire e revire o folheto não o entenderá. Se para ler um simples texto é necessário construir um processo de aproximação com o verbo, a partir da “alfabetização” por que achar que para entender Arte basta estar diante dela?

É necessário “aprender” a “apreender” como as Obras de Arte se manifestam.

Justifico tal atitude por considerar que durante muito tempo a capacidade descritiva e narrativa adotada pelas imagens e por conseguinte pela Arte Visual acabou por construir a ilusão de que boa parte das informações obtidas sobre elas bastava um olhar, era só ver para entender. Tal atitude foi usada para instrumentalizar as imagens em benefício do poder ou da instrução. O papa Gregório Magno, no início da Idade Média, propunha que as imagens deviam fazer para os analfabetos o que as escrituras faziam para os alfabetizados, tornando-as aliadas da catequização.

Um dos artistas mais conhecidos da Pop Art é de Andy Warhol, a imagem anterior é “Latas de sopa Campbell’s” de 1962, pertencente à coleção do MoMA, em NY.

A Pop Art abreviou o percurso entre o autor, a obra e o apreciador, colocando “de cara” aquilo que o consumidor já entendia, nesse caso, a Arte adota a estratégia de estreitar o diálogo entre o artista, a publicidade e o mercado, tematizando o que todo consumidor já sabia.

É possível entender literalmente o que a Arte diz, mas havia uma “pegadinha”, uma crítica ao consumismo. Contudo tal crítica não foi tomada como uma provocação ou um deboche à desinformação do consumidor e aqueles que consumiam bens duráveis ou sazonais, também passaram a consumir as obras Pop com a mesma conduta com que compravam bananas... Um fenômeno social e artístico-cultural muito interessante as décadas de 1960-70.

Por outro lado há categorias de obras que dispensam explicações ou digressões intelectuais ou técnicas.

Hoje em dia há proposições que interferem e interagem no espaço do meio ambiente alterando seu estado anterior e transformando a apreensão e convivência com ele sem gerar necessariamente questionamentos sobre motivos ou significações que tais obras possam gerar.

Nesta categoria pode-se destacar obras como as de Christo Javacheff e Jeanne-Claude como “The Gates” no Central Park em NY, em 2005.





Sua superfície brilhante em aço polido reflete e distorce o entorno urbano nela projetada. Os visitantes podem andar em baixo e ao seu redor. É uma obra que convida à interação e as participam de seu jogo de espelho, se divertem e fotografam e, provavelmente, nem perguntam: O que isto quer dizer?

“*Cloud Gate*” de Anish Kapoor, artista plástico indo-britânico, foi produzida entre 2004-06, instalada no *Millenium Park* em Chicago, Illinois, EEUU. Foi apelidada carinhosamente de “bean” – feijão, por sua forma afeijoadada...



Esclareço que os textos que publico nestas Reflexões, não são textos formatados academicamente, nem pretendo elaborá-los com tal formato. São, no máximo, textos didáticos cujo fim é contribuir tanto para o conhecimento e difusão sobre as diferentes abordagens sobre a Arte Visual, seja no contexto pregresso ou naqueles em que se encontra hoje em dia. Reforço mais uma vez que são reflexões pessoais tomando por base minha experiência docente no campo do ensino em Arte Visual.

Agradeço muito a leitura e espero o compartilhamento de quem se sentir à vontade para ampliar o alcance de tais reflexões.

Não custa nada e não prejudica ninguém... Só contribui.

Agradeço e volto a dizer:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.